

ELEMENTOS PARA A HISTÓRIA
DA CONSTRUÇÃO DA CASA E IGREJA
DA CONGREGAÇÃO DO ORATÓRIO DO PORTO
(1680-1703)*

por **Joaquim Jaime B. Ferreira-Alves**
Faculdade de Letras. Universidade do Porto

«... esta nueva y Santa Cassa de San Antonio de la Puerta de Rua de Carros, que es Una de las mejores excellencias desta nuestra ciudad y ha de creçer mucho en el servicio de Nuestro Señor» (Manuel Pereira de Novaes — *Anacrisis Historial*, vol. 2.^o — IV, Porto, 1913, p. 123)

1. Introdução

Entre os edifícios construídos no Porto no último quartel do século XVII destacam-se a Casa e a Igreja da Congregação do Oratório, levantadas fora das muralhas defronte de uma das mais importantes portas da cidade — a Porta de Carros. O conjunto erigido pelos oratorianos foi também um centro relevante no desenvolvimento urbano da zona em

* Trabalho apresentado no Congresso Internacional de História da Arte, organizado pela Associação Portuguesa de Historiadores de Arte (Lisboa, 26 a 30 de Outubro de 1992)

que se inseriu, já que formou, juntamente com a muralha (lado Sul) da cidade, um dos dois lados (lado Nascente) que arquitetonicamente limitavam o espaço que deu origem à Praça das Hortas.

Na edificação da Casa e Igreja da Congregação do Oratório vamos encontrar alguns dos artistas mais importantes que então trabalhavam no Porto e cuja participação na execução da obra é de muitos desconhecida. Revelar os seus nomes e o papel que desempenharam na construção erguida pelos oratorianos foi também uma das nossas preocupações. Com o contributo dessas figuras, os nêris deram ao Porto um dos seus edifícios mais representativos que, mais uma vez, a cidade não soube conservar a não ser parcialmente. Dele resta-nos apenas a igreja, memória de um passado há muito desaparecido.

2. A Capela de Santo António da Porta de Carros

Instituída nos inícios do século XVII¹ uma confraria de Santo António de Lisboa na Capela de Santo António Magno (ou Santo Antão), vulgarmente denominada de Santo António do Penedo², quis a confraria um edifício próprio, alegando que «não tinha este santo (Santo António) sendo nosso portuguez igreja alguma na cidade dedicada ao seu nome»³, já que a confraria de Santo António se encontrava estabelecida na capela dedicada a Santo António o Magno⁴. Para a capela que pretendiam edificar tinham comprado um terreno «sitto fora da Porta de Carros»⁵.

Ainda que a confraria possuísse algum dinheiro, de esmolas e promessas, para iniciar a construção da capela aquele era insuficiente. Esta razão levou a que os seus membros fizessem, em 22 de Dezembro de 1657, um contrato, de «obrigação e instituição de capella mor com sua sancrestia»⁶, com a Câmara do Porto. Através do acordo então estabelecido ficou o Senado padroeiro do «sitio que têmão comprado pera o dito

¹ PASSOS, Carlos de — *Guia Histórica e Artística do Porto*, Porto, 1935, p. 91.

² Ver adenda.

³ Ver adenda.

⁴ Sobre a Capela de Santo António do Penedo ver: FERREIRA ALVES, Joaquim Jaime B. — *O Padre Pantaleão da Rocha de Magalhães e a Capela de Santo António do Penedo*, in «O Tripeiro», 7.ª série (Série Nova) — Ano X/n.º 11, Porto, 1991, pp. 330-332.

⁵ Ver adenda.

⁶ Arquivo Distrital do Porto (A.D.P.), Secção Notarial, Po-1, 4.ª série, n.º 148, fls. 91-92v.

templo», com a obrigação de fazer a capela-mor, o retábulo e a sacristia, enquanto que o corpo da capela seria da responsabilidade da confraria⁷. Este contrato seria confirmado pelo alvará de 4 de Abril de 1658⁸.

Iniciadas as obras, estas não deviam andar com a rapidez que a confraria desejava. Disso nos dá conta a petição por ela apresentada na vereação de 13 de Maio de 1662⁹, pela qual pedia que a Câmara mandasse continuar com a obra da «capella e hermidã» como se tinha obrigado pelo contrato de 1657. Aceitou o Senado a petição, dando 80.000 réis para se gastarem na capela-mor¹⁰. Não prosseguindo a Câmara com as condições do contrato, são feitas novas petições nas quais insistia a confraria para

⁷ «... que elles tinhão comprado e adquirido por provizão de Sua Magestade um campo ditto fora da Porta de Carros desta cidade no coal detriminavão com as esmolas dos feis de Deos e pessoas devotas edificar hum templo e capella em louvor de Santo Antonio aonde estivesse a dita confraria e se selebrassem os officios divinos pera o que tinham algum dinheiro junto das esmolas e promessas dellas pera se tratar das obras do dito templo e capella e pera ser feita como convinha à devoção que todo o povo desta cidade tinhão a Santo Antonio e não aver nella caza propria sua porque a dita hermidã de Santo Antonio do Penedo, era antigamente chamada de Santo Antão e capella e hermidã do morguado de Miguel Brandão da Silva da mesma cidade pello que era consentido de offresser [...] o dito templo ao dito juiz vereadores da Camara desta cidade assim aos que de prezente servem como aos que ao diante forem pera sempre encoanto o mundo durar e lhe fazião doação do sitio que tinhão comprado pera o dito templo e delle os fazião padroeiros contanto que a capella maior do dito templo se faria por hordem desta dita Camara a sua custa de tudo o que toquasse ao edificio e retabolo fabrica della e sancrestia, e que o dito templo ficaria sempre sendo de sua protecção assim como o são as mais hermidas da cidade [...] e se obrigarão a fazer a dita cappella maior pella trassa que tinhão ordenado de todo edificio delle retabolo e samchristia e mais fabriquã della contanto que da dita cappella maior de grades a dentro se não poderia dar sepultura, nem enterrar pessoa alguma sem ordem desta dita Camara e que o corpo desta dita igreja e mais obras necessarias pera o hornatto della e se selebrarem os officios ficaria sendo por conta da ditta confraria secular...». A.D.P., *Idem*, *ibidem*. O contrato, segundo o documento, foi feito no «Passo do Conselho», mas no Livro de Vereações de 1657, podemos ler que na vereação de 22 de Dezembro de 1657 estiveram juntos em Câmara o Dr. Gervásio do Sal de Almeida, juiz de fora, o vereador João de Tovar Coutinho e o procurador do povo, Manuel Gomes, e por não haver mais vereadores para se fazer a vereação foram-se embora. Arquivo Histórico Municipal do Porto (A.H.M.P.), Livro de Vereações, n.º 56, fl. 160v. Segundo o contrato notarial estiveram presentes na parte da Câmara: o Dr. Gervásio do Sal de Almeida (juiz de fora); os veradores, Manuel Pereira Freira (sic), Gonçalo Borges Pinto, João de Tovar Coutinho e André Brandão Vieira; o procurador da cidade, Bento Correia da Mesquita; o escrivão, Luís da Silva; o síndico da Câmara, Manuel Nunes Franco e os procuradores do povo, Manuel Gomes e Paulo Freire.

⁸ A.H.M.P., Registo Geral, n.º 2086, fl. 179v.

⁹ A.H.M.P., Livro de Vereações, n.º 58, fl. 41, ver também o fl. 75v.

¹⁰ «que se cobrariam da divida que devia a cidade Mateus da Silva».

que a ermida fosse concluída. Em 1668 queixava-se que há muitos anos não lhes «acodião com as esmolos costumadas»¹¹, e em 1672 foram entregues a Simão Pacheco, tesoureiro das obras de Santo António, 300.000 réis para a continuação da obra¹².

Até ao momento, não possuímos qualquer documento que nos informe relativamente ao autor da traça da Capela de Santo António da Porta de Carros, nem sobre os artistas que nela trabalharam, excepto o caso do mestre pedreiro *Marcos Gonçalves*. Este foi contratado, em 24 de Julho de 1676¹³, para executar «dous arcos da Abobada» na capela. *Marcos Gonçalves*¹⁴ apresentou no acto da escritura como fiador a *Domingos Lopes*, «mestre de arquitetura emaginario». Tanto o mestre pedreiro que arrematou a obra, como o seu fiador, foram duas importantes figuras da arquitectura portuense da segunda metade do século XVII, podendo assim qualquer deles ter sido o responsável pelo risco da capela.

2.1. *A Capela de Santo António da Porta de Carros e a Congregação do Oratório*

Em Junho de 1680 chegaram ao Porto, acompanhando o bispo da mesma cidade, D. Fernando Correia de Lacerda¹⁵, os padres Dr. Manuel Rodrigues¹⁶ e João Lobo¹⁷, os dois oratorianos «sobre cujos ombros

¹¹ A.H.M.P., Livro de Vereações, n.º 59, fls. 346-346v.

¹² A.H.M.P., Livro dos Bens do Conselho, n.º 7, fl. 24v. e fl. 27.

¹³ A.D.P., Secção Notarial, Po-8, n.º 55, fls. 75v.-77.

¹⁴ Em 26 de Junho de 1679 o mestre pedreiro *Marcos Gonçalves* foi contratado pelos mordomos de Nossa Senhora da Hora para executar a obra seguinte: «... que tendo sete bicas a fonte da dita Senhora da Ora não corria de presente e agora mais que por sinco dellas [...] e desejando elles juiz e mordomo que as ditas sete bicas deitassem todas para maior adorno da dita fonte se contrarão [...] com elle mestre *Marcos Gonçalves* [...] a fazer toda a diligencia possível por vedar a dita agoa [...] de tal maneira que corra por todas as ditas sete bicas...». A.D.P., Secção Notarial, Po-4, n.º 71, fls. 105v.-106.

¹⁵ Foi Bispo do Porto de 1673 a 1683.

¹⁶ «O nosso Reverendo Padre Doutor Manoel Rodrigues natural de Lisboa, e filho da Congregaçam da mesma cidade, fundador que foi desta Congregaçam da cidade do Porto, e seu prepozito emquanto viveu, falleceu em 5 de Julho de 1691, pelas onze horas da manhã, jas sepultad na nossa igreja sepultado defronte do altar mor no meio da nave das mulheres junto a meza da comunhão...». A.D.P., Congregação do Oratório, n.º 23, fl. 43.

¹⁷ «O Padre João Lobo natural de Vizeu sacerdote da Congregaçam de Lisboa foi companheiro do Reverendo Padre Manoel Rodrigues que comsigo o trouxe por companheiro quando da dita Congregaçam da cidade de Lisboa veio fundar esta Casa

recairia o encargo da nova fundação»¹⁸ — a Congregação do Oratório do Porto.

Gorada a tentativa de se estabelecerem no Colégio dos Órfãos, quis «o acaso — ou talvez não — que, vagueando um dia pela cidade»¹⁹, os dois nérís deparassem com a Capela de Santo António da Porta de Carros. Comunicando ao Bispo o achado, põem-no «ao corrente dos seus planos: construir ali habitação, servindo a capela como igreja»²⁰. Apoiados por D. Fernando Correia de Lacerda, começaram a tratar com o Senado da Câmara a doação da capela, para a qual muito contribuiu a carta que o Infante D. Pedro, então regente (D. Pedro foi regente de 1668 e 1683), escreveu ao Senado portuense em 29 de Junho de 1680²¹ e na qual pedia à Câmara que desse ao Dr. Manuel Rodrigues «toda a ajuda, e favor, no que fareis agradável serviço».

Apresentada a carta do Regente na vereação de 7 de Agosto²², determinaram os senhores do Senado²³ que, em virtude de Sua Alteza mandar que se desse todo o apoio ao Dr. Manuel Rodrigues, fosse doada aos oratorianos a Capela de Santo António da Porta de Carros. A escritura de doação foi feita em 14 de Agosto²⁴. Através daquela ficaram os nérís com «a capela, um campo anexo, uma fonte que abastecia a sacristia e todos os objectos de culto»²⁵, tomando posse de todos estes pertences no

do Porto na qual o dito Padre João Lobo trabalhou incançavelmente pelo espaço de quatro annos [...] morreu em 5 de Fevereiro do anno de 1690, e jas sepultado da igreja da dita Congregaçam («Congregaçam do Recife de Pernambuco»)....». A.D.P., idem, ibidem, fl. 2v.

¹⁸ SANTOS, Eugénio dos — *O Oratório no Norte de Portugal. Contribuição para o estudo da história religiosa e social*, Porto, 1982, p. 102.

¹⁹ Idem, ibidem, p. 104.

²⁰ Idem, ibidem, p. 105.

²¹ A.D.P., idem, n.º 36, fl. 39. A.H.M.P., Livro de Vereações, n.º 61, fls. 58-58v. e Livro de Próprias, n.º 7, fl. 105, 106v.

²² A.D.P., idem, ibidem, fls.40-41. A.H.M.P., Livro de Vereações, n.º 61, fls. 56v.-57v.

²³ Faziam parte da vereação: Francisco da Rocha Leão, «vereador mais velho e juis pela Ordenaçam»; os vereadores Francisco Ferreira de Andrade, Manuel de Freitas de Faria e João de Sequeira de Almeida; o procurador da cidade o licenciado Gonçalo Ribeiro de Sousa e Cunha e o procurador dos «misteres» Baltasar Nogueira.

²⁴ A.D.P., Secção Notarial, Po-8, n.º 69, fls. 56-59v.

²⁵ SANTOS, Eugénio dos — ob. cit., p. 106.

dia imediato, segundo o costume em semelhantes actos²⁶. Permaneceriam na capela as duas irmandades que nela já estavam estabelecidas: a de Santo António e a de São Filipe Néri²⁷.

3. A Casa e a Igreja da Congregação do Oratório do Porto: as obras de 1680 a 1703

3.1. As primeiras obras (1680-1682)

Com um edifício para o culto necessitavam os congregados de dependências para se instalarem, e, não querendo os proprietários das casas que ficavam junto à Capela de Santo António da Porta de Carros, nem vendê-las nem alugá-las, resolveram construir a sua residência no quintal, que, juntamente com a capela, lhes tinha sido doado, já que só assim podiam dar início à «vida de clausura preconizada pelos Estatutos»²⁸. A primeira morada dos néris, feita de «taipa e taboado»²⁹, ficou concluída em Dezembro de 1680.

Esta primeira campanha de obras, iniciada em 22 de Agosto de 1680³⁰ e acabada em 1 de Março de 1681, desenrolou-se em duas fases. Na primeira (de 22 de Agosto a 8 de Dezembro de 1680), os oratorianos fizeram: o corredor do noviciado, «perfeito com todas as oficinas necessarias»; o oratório para os exercícios quotidianos; o emadeiramento que faltava na abóbada e o coro. Com estas obras terminadas, ocuparam os néris, em 8 de Dezembro, a sua nova casa. Na segunda fase (de 8 de Dezembro a 1 de Março de 1681) fizeram: os «repartimentos e assentos do choro» levantado «antecedente à entrada»; as «teas» da igreja para

²⁶ «lhes desse posse da dita igreja e sitio della [...] posse delle altar mor e dos mais que lhe pertensse e sitio da dita igreja de Santo Antonio da Porta de Carros a coal pasearão de huma parte pera a outra pondo as mãos pellas paredes e altares fechando e abrindo as portas della, e porta da sancrestia e quintal tudo abrindo e fechando com as chaves das portas della que lhes entregou o padre António Soares de Brito capellão da dita igreja e da sua mão as receberão e lha tornarão a entregar e peguando em terra pao e telha lansando a para o ar e cortando ramos das arvores que estão no dito quintal fazendo todas as mais diligencias que em semelhantes autos se costumão fazer...». A.D.P., idem, Congregação do Oratório, n.º 36, fls. 25-27. A.D.P., idem, Secção Notarial, Po-8, n.º 69, fls. 61-62v.

²⁷ SANTOS, Eugénio dos — ob. cit., p. 106.

²⁸ Idem, ibidem, p. 106.

²⁹ Biblioteca Pública Municipal do Porto (B.P.M.P.), ms. n.º 1337, fl. 29.

³⁰ O primeiro pagamento feito aos carpinteiros é de 31 de Agosto. Cf. Arquivo Municipal da Torre do Tombo (A.N.T.T.), Congregação do Oratório do Porto, n.º 3, Livro primeiro das obras... fl. 2.

«separação das mulheres»; os estrados da igreja; o oratório; as sepulturas e «outras miudezas»³¹. Tudo isto foi custeado pelos congregados, não tendo concorrido para elas «esta cidade, nem pessoa alguma do bispado» exceptuando os contributos dados pelo bispo D. Fernando Correia de Lacerda e por Alexandre da Costa Pinheiro.

Ao longo de 1681 diversas obras foram feitas tanto na capela, como na casa e na cerca dos néris: um alpendre junto à portaria do carro; uma tribuna e «retabolo em madeira, e altar»; um armário para a sacristia; o «forro do coro», uma peanha de talha e a cerca, concluída em Abril de 1682³². Além destes trabalhos, outros se seguiram em 1682, todos eles necessários à vida dos congregados na sua nova casa. Entre aqueles encontra-se um tanque, cujas pedras, fornecidas por um «castelhano do lugar de Gestas», foram lavradas pelo mestre pedreiro *Pantaleão Vieira*³³.

3.2. *Os artistas das obras de 1680 a 1682*

Durante as obras realizadas de 1680 a 1682 muitos foram os artistas que nelas colaboraram, entre carpinteiros, pedreiros, pintores e entalhadores, dos quais queremos referir os seguintes:

- carpinteiros — *Manuel de Barros*, que aparece na primeira campanha de obras³⁴, e *António Nunes*³⁵;
- pedreiros — *Manuel do Couto*, «fes o mestre Manoel do Couto quatro braças de parede do refeitório da parte do Sul que a l. 100 reis cada braça somarão 4.400»; *Marcos Gonçalves*³⁶, o mesmo que vimos a trabalhar na Capela de Santo António da Porta de Carros;

³¹ A.N.T.T. idem, ibidem, fls. 14-14v.

³² A.N.T.T. idem, ibidem, fl. 19.

³³ A.N.T.T. idem, ibidem, fls. 27-27v.

³⁴ «ao filho do dito mestre *Pantaleão Vieira* a conta da obra do tanque 600 reis». A.N.T.T. idem, ibidem, fl. 16.

³⁵ «Em 11 de Outubro dei ao carpinteiro *Antonio Nunes* que ajudou a *Gaspar dos Reis*...». A.N.T.T. idem, ibidem, fl. 16.

³⁶ «Fes o dito mestre (*Marcos Gonçalves*) mais a parede que divide a nossa cerca da Orta do Ferrador para o Norte athe o campo que foi do Costa ...»; «Fez mais duas pias para a cozinha...»; «Fez os portais da portaria, e oratório...»; «Mais levantou o dito mestre a parede que está entre o quintal do Netto defronte da porta da samchristia...». A.N.T.T., idem, ibidem, fl. 1.

pintores — *Frutuoso Fernandes*³⁷ e *André Fernandes*³⁸;
 — «Em 2 de Novembro (1681) fez o Padre Prepozito contrato com João Baptista pintor italiano de lhe dar de jornal por cada dia 300»³⁹. O artista contratado iniciou o seu trabalho no dia seguinte⁴⁰, acabando por abandoná-lo a meio do mês. Alegou para tal atitude não saber «fingir pedra»⁴¹. Este pintor italiano *João Baptista* é provavelmente *João Baptista Pachini* (?-1740) que se fixou no Porto e que ligou o seu nome a trabalhos efectuados na Sé e Casa do Cabido⁴². Em substituição de *João Baptista* foi contratado *Mateus Nunes de Oliveira*, «pintor desta cidade», residente na rua do Souto⁴³. *Mateus Nunes de Oliveira* «pricipiou a obra da dita tribuna, e ratabolo, que estava emgessado (trabalho que havia feito *João Baptista*)» em 1 de Dezembro⁴⁴;

³⁷ Residia na freguesia de Grijó. Continuou com a obra da cerca iniciada pelo mestre pedreiro *Marcos Gonçalves*. A.N.T.T. idem, ibidem, fls. 18-19.

³⁸ «Fez o pedreiro *Andre Fernandes* de empreitada a parede que divide a Orta do Netto defronte da nossa porta da Samchristia...». A.N.T.T. idem, ibidem, fl. 1v.

³⁹ A.N.T.T. idem, ibidem, fl. 20.

⁴⁰ «Principiou a obra da tribuna e retabolo em 3 de Novembro. Faltou meio dia em 6 do dito outro meio dia em 13, que foi quinta feira do meio dia para a noite e na 6.^a pela manham disse que hia fazer huma amostra para a pintura e não tornou». A.N.T.T. idem, ibidem, fl. 20.

⁴¹ «O dito pintor acima só enjessou a dita tribuna, e retabolo e se despedio porque principiando a pintura se achou que não sabia fingir pedra, como tinha feito ...». A.N.T.T. idem, ibidem, fl. 20.

⁴² GONÇALVES, Flávio — *João Baptista Pachini e os painéis da Casa do Cabido da Sé do Porto*, in «Arquivos do Centro Cultural Português», vol. V, Paris, 1972, pp. 301-357.

⁴³ A.N.T.T. idem, ibidem, fls. 20-20v. Este pintor é também designado só por *Mateus Nunes*. Cf. BASTO, Artur de Magalhães — *Apontamentos para um dicionário de artistas e artífices que trabalharam no Porto do século XV ao século XVIII*, Porto, 1964, pp. 437-438. Sobre este pintor ver: FERREIRA ALVES, Natália Marinho — *A arte da talha no Porto na época barroca. (Artistas e clientela. Materiais e técnica)*, 2.^o vol., Porto, 1989, pp. 628-629.

⁴⁴ Numa declaração feita em 5 de Janeiro de 1682 pelo Padre João Lobo lê-se: «... o qual gesso era para um frontal que havia de fazer hum flamengo, com quem o Padre Prepozito tinha ajustado, e depois mudou de parecer, por achar custaria muito mais...». A.N.T.T., idem, ibidem, fl. 20v.

entalhadores — *Gaspar dos Reis*⁴⁵ executou uns armários, a tribuna e o retábulo⁴⁶; *Filipe da Silva*⁴⁷ fez a peanha «que deixou por acabar» e que foi concluída por *Gaspar dos Reis*.

3.3. *As obras de 1683 a 1703*

Implantada a Congregação do Oratório do Porto não se fizeram esperar adesões. Com o aumento do número de pessoas que foram viver na Casa da Congregação a ampliação do edifício existente tornou-se uma necessidade, para essa finalidade os oratorianos receberam, mais uma vez, o apoio do Príncipe Regente. Este, pelo alvará de 11 de Novembro de 1682, doou-lhes «tres mil cruzados» pagos «dos sobejos do cofre da cidade» para acabarem a igreja e «continuarem as obras do dormitorio e caza em que assistem nos exzercicios cotidianos»⁴⁸. O pagamento da verba concedida far-se-ia em quatro anos, recebendo os congregados 300.000 réis por ano.

Apoiados economicamente, os nérís deram início a uma grande campanha de obras entre 1683 e 1703. Em 8 de Novembro de 1683⁴⁹ contrataram os mestres pedreiros *Manuel Fernandes*, *Baltasar dos Reis*, *Manuel Gomes*, *João Gonçalves*, *António Fernandes* e *António da Costa*, todos residentes na cidade na freguesia de Santo Ildefonso, para «fazerem ora de novo humas obras na dita igreja de Santo Antonio e Caza da Congregação». Os trabalhos a executar pelos mestres contratados eram os seguintes: «huma parede da nave da igreja de Santo Antonio da parte do nascente com seu cunhal na rua, huma capella na dita parede, huma porta no cruzeiro, mea parede ou perpianho para o altar, e retabolo colateral, hum claro com seus pilares ensetado em o cunhal da capella mór, portaria com seus degraos de baxo de hum arco de pedra e abobeda de teijolo, caza da portaria, cubicolo do porteiro, oratorio publico, e sobre

⁴⁵ *Gaspar dos Reis* é quase sempre designado por ensamblador. Cf. FERREIRA ALVES, Natália Marinho — ob. cit., 2.º vol., pp. 642-643.

⁴⁶ A.N.T.T. idem, ibidem, fls. 16-17.

⁴⁷ A.N.T.T. idem, ibidem, fls. 17.

⁴⁸ A.H.M.P., n.º 792 — Próprias do Cofre (1571-1809), fl. 293.

⁴⁹ A.Ð.P., Secção Notarial, Po-4, n.º 76, fls. 110v.-113v.

Fiadores da escritura: João Ribeiro, estalajadeiro, e Manuel Alves da Cunha, cerieiro.

Testemunhas da escritura: António Ferraz, mercador de vinho, e António da Fonseca, «familiar» da Congregação do Oratório.

tudo isto hum sobrado e o antecoro, livraria, oratorio particular, e seu corredor sobre o de baxo, escadas para o antecoro, e dahi para o outro corredor de sima em o qual se farão doze cubicolos com seu corredor pelo meo e huma casa sobre o antechoro»⁵⁰. Todas estas obras far-se-iam segundo uma planta «que consta de quatro papeis feitos e assinados» por *Domingos Nunes*⁵¹, e seriam vistoriadas, tanto no aspecto da segurança, como em tudo aquilo que dissesse respeito à perfeição da execução, pelo mestre pedreiro *Manuel Rodrigues*, de Vila Nova de Gaia. Na falta deste «juiz» da obra, exerceria a mesma função, em sua substituição o seu sobrinho *Manuel Rebelo*⁵². Ao contrato de 8 de Novembro segue-se outro feito a 15 do mesmo mês e ano⁵³, pelo qual os mestres carpinteiros *José dos Santos* e *Gabriel Ribeiro* se obrigaram a executar, para a obra referida, tudo o que pertencia a carpintaria. A obra de pedraria iniciada em Novembro de 1683 ficou concluída e Maio de 1685, como se pode comprovar pelos sucessivos pagamentos feitos a *Manuel Fernandes* e aos seus companheiros⁵⁴. Durante aquele período de tempo trabalharam na empreitada um grande número de oficiais, aprendizes, trabalhadores e moços (Quadro). No concernente à obra de carpintaria esta começou em Junho de 1684 e terminou em Maio de 1685⁵⁵.

Em 19 de Janeiro de 1685⁵⁶ o padre Manuel Rodrigues, prepósito da Congregação, contratou os mestres pedreiros *Manuel Fernandes*, *António Fernandes* e *Manuel Gomes* para continuarem com as obras da igreja e casa dos oratianos do Porto. A obra pretendida seria executada «na forma de tres plantas e a do perfil da parte do claustro» que estavam assinadas pelo padre Manuel Rodrigues e pelos mestres pedreiros. Não tendo efeito a escritura de 19 de Janeiro, fez-se outra, em sua substituição,

⁵⁰ A.D.P., idem, ibidem, fl. 110v.

⁵¹ A.D.P., idem, ibidem, fl. 110v.

⁵² A.D.P., idem, ibidem, fl. 111v.

Manuel Rebelo era também de Vila Nova de Gaia.

⁵³ A.D.P., Secção Notarial, Po-4, n.º 76, fls. 118v.-120.

Fiadores da escritura: *Manuel Teixeira*, ferreiro, e *João Pedrosa*, carpinteiro.

Testemunhas da escritura: o padre José Ferraz da Fonseca e Manuel da Costa.

Este documento e o anterior já foram referidos por: *MARINHO*, Natália e *FERREIRA ALVES*, Joaquim J. B. — *Aspectos artísticos da igreja dos Congregados em meados do século XVIII*, in «Revista de História», Vol. IV, Centro de História da Universidade do Porto, 1981, pp. 103-106.

O mestre carpinteiro *Gabriel Ribeiro* era cunhado de *José dos Santos*.

⁵⁴ A.N.T.T., idem, ibidem, fls. 30-35.

⁵⁵ A.N.T.T., idem, ibidem, fls. 51-54.

⁵⁶ A.D.P., Secção Notarial, Po-4, n.º 76A, fls. 221-222v.

a 22 de Outubro⁵⁷. Esta teve como segundo outorgante o mestre pedreiro *André Martins*⁵⁸ que se incumbiu de dar cumprimento ao seguimento das obras tanto na igreja como na casa da Congregação do Oratório do Porto. *André Martins* arremataria em 6 de Julho de 1686 outras obras de pedraria — o primeiro lanço do claustro, as escadas e a torre⁵⁹.

OFICIAIS, APRENDIZES, TRABALHADORES, MOÇOS QUE TRABALHAM EM 1684

DATA	OFICIAIS	APRENDIZES	TRABALHADORES	MOÇOS
1684.01.15	66		27	28
1684.01.29	68		23	20
1684.02.26	51		19	2
1684.03.04	89		28	5
1684.03.11	79		53	2
1684.03.18	79		53	
1684.04.01	100		66	
1684.04.22	218		151	39
1684.04.15	73	10	45	26
1684.05.06	54		33	18
1684.05.13	92		42	23
1684.05.20	115	12	79	25
1684.05.27	71	8	40	18
1684.06.03	103 e 1/2	10	59 e 1/2	23
1684.06.10	114	12	61	26
1684.07.01	104	14	56	29
1684.07.08	120	17	48	37
1684.07.15	100	17	22	29
1684.07.22	125	16	94	51
1684.08.05	201	8	132	65
1684.08.12	99	3	59	30
1684.08.19	112	2	55	38
1684.08.26	103	7	59	33
1684.09.02	143	11	78	44
1684.09.09	94	6	49	24
1684.09.16	133	9	54	34
1684.09.23	108	9	52	26
1684.09.30	98	5	49	23
1684.10.07	136	12	56	
1684.10.21	135	11	48	43
1684.11.18	92		12	3

⁵⁷ A.D.P., Secção Notarial, Po-4, n.º 79, fls. 34-35.

⁵⁸ Testemunhas da escritura: António da Fonseca e Manuel Ferreira Pacheco. Residia na aldeia de Noeda, freguesia de Campanhã.

⁵⁹ A.N.T.T., Congregação do Oratório do Porto, n.º 4, Livro Terceiro das Obras..., fl. 37.

3.3.1. A nova igreja (1694-1703)

Edificados os compartimentos necessários à vida da comunidade, resolveram os nêris substituir a Capela de Santo António da Porta de Carros, que lhes fora doada, por uma igreja de maiores dimensões. Aproveitando parte da igreja antiga para capela-mor da nova⁶⁰, começaram a abrir os alicerces das paredes do corpo da igreja e da fachada principal em Julho de 1694⁶¹, sendo lançada a primeira pedra em 5 de Agosto.

Em 17 de Julho de 1694⁶² foram contratados pelo prepósito da Congregação, padre Manuel da Costa, os mestres pedreiros *Manuel do Couto*⁶³ e *João da Maia*⁶⁴, para fazerem «dois lados da igreja desde os cunhais do frontespicio athe os pés direitos dos arcos do cruzeiro cuja altura se tremina nos frizos que vão sobre os ditos lados». Toda a obra seria executada segundo as plantas e apontamentos que lhes foram entregues⁶⁵, sendo autor do projecto o padre *Pantaleão da Rocha de Magalhães* — «que foi o fes a planta»⁶⁶ — e que exerceria também a função de «juiz» da obra. *Manuel do Couto* e *João da Maia* além dos lados da igreja, pelos quais receberam «dous contos e cem mil reis», executaram também: o frontispício, o átrio, «excepto as escadas e seu patio»; as paredes «de sima do frizo athe o pe direito do cruzeiro»; o cruzeiro e o coro⁶⁷. Com todas

⁶⁰ Ver adenda.

⁶¹ «Tem o alicerce que se fes para o frontespicio que se ha de fazer da igreja oito braças e dezasseis palmos...». A.N.T.T., idem, ibidem, fl. 6

⁶² A.D.P., Secção Notarial, Po-8, n.º 102, fls. 126v.129.

Fiadores da escritura: Manuel Soares de Carvalho, residente na rua das Flores, e o capitão *Domingos Lopes*, residente na Ponte Nova.

Testemunhas da escritura: Manuel de Sequeira de Almeida, sargento-mor do Porto, e José da Silva, alfaiate.

⁶³ *Manuel do Couto* residia na rua nova do Bonjardim.

⁶⁴ *João da Maia*, casado com Catarina de Araújo, residia em Vila Nova de Gaia.

⁶⁵ «huns na mão do Reverendo Padre Prepozito e os outros nas mãos delles mestres».

⁶⁶ A.D.P., idem, ibidem, fl. 127.

⁶⁷ A.N.T.T., idem, ibidem, fl. 29v.

Para esta obra foram feitos diversos contratos:

1.º contrato — obrigaram-se a fazer os lados da igreja;

2.º contrato — obrigaram-se a fazer o frontispício;

3.º contrato — relacionado com o coro bem como o «pé direito do cruzeiro, e entrando o acrescimo da obra»;

4.º contrato — referente à obra do cruzeiro;

5.º contrato — referente ao «lajamento e portais».

A.N.T.T., idem, ibidem, fl. 35v.

estas obras ficaram os dois mestres pedreiros responsáveis por toda a construção da igreja desde 1694 a 1703⁶⁸ excepto a abóbada, feita entre 1700 a 1702, e que foi da responsabilidade dos mestres pedreiros *João Moreira* e *António da Costa*⁶⁹. A obra do vigamento «sobre que se ha de fazer o tilhado da igreja nova» desde o «frontespício athe o arco e prinsipio do cruzeiro», foi arrematada pelo mestre de carpintaria *Domingos Nunes*⁷⁰, em 23 de Dezembro de 1699⁷¹.

O trabalho de estuque assim como a guarnição das paredes foram da responsabilidade do mestre *Sebastião Ferreira*⁷² ao passo que a pintura foi entregue a um pintor alemão chamado *Leopoldo*⁷³ e ao pintor *Nuno de Figueiredo*⁷⁴. Além destes artistas encontramos ainda a trabalhar na igreja: *José da Rocha*, marceneiro, que executou diversas obras de madeira — «o coro, as teias, os estrados, as portas e grades, e desbastar os pulpitos»⁷⁵ e *Domingos Nunes*, o mesmo do contrato de 23 de Dezembro de 1699, que executou o retábulo da capela de Nossa Senhora da Nazaré, segundo a planta de *João Pereira dos Santos*⁷⁶.

⁶⁸ Em 1698 a obra esteve parada. A.N.T.T., idem, ibidem, fl. 32.

⁶⁹ A.N.T.T., idem, ibidem, fl. 27.

⁷⁰ Residia na rua do Bonjardim.

⁷¹ A.D.P., Secção Notarial, Po-4, n.º 102, fls. 248-249.

Fiador da escritura: Pedro Soares da Cunha, alfaiate.

Testemunhas da escritura: Diogo Dias Borges e Luís Pereira Lanhoso.

⁷² «Mediram se estas braças por nossa parte pello mestre *Manoel do Couto* ... e por parte de *Sebastião Ferreira* medio o mestre *Marcos Fernandes*. Não chegando a acordo meteram louvados que foram *João dos Santos* e *Manuel Gomes*, de Rio Tinto, «mestre de culher». A.N.T.T., idem, ibidem, fls. 40 e 42.

⁷³ «Outro milagre se attribuiu a esta prodigioza imagem de Santo Antonio, e foi: que quando no anno de 1703 se andava acabando a igreja nova para nella se principiarem a celebrar os officios Divinos; hum pintor alemão chamado Leopoldo, que estava em huma stada pintando o tecto da cappella mor, que foi e he de Santo Antonio, succedeo não sei como escuregar o banco em que se sentava, e banco, e pintor ambos vierão precipitados da stada abaixo; mas com bem differente successo bem dito seja Deus em seus Santos o banco mais lageas da igreja fez se em pedaços, e o homem cahido no mesmo lugar não teve a minima molestia mais que o susto, que em tais cazos he natural, e sem demora foi continuando a obra com pasmo e admiração dos que virão este protento, que todos ficarão entendendo ser milagre de Santo Antonio». B.P.M.P., m. 1337, fls. 10-10v.

«Ajustamos com o pintor *Leopoldo* fazermos a obra da igreja e da capella mor a mezes, trabalhando hum mes por nos, e outro para si dando lhe caza de comer, e beber e em todo o tempo emquanto durar a obra». A.N.T.T., idem, ibidem, fl. 48.

⁷⁴ A.N.T.T., idem, ibidem, fl. 48.

⁷⁵ BRANDÃO, Domingos de Pinho — *Obra de talha dourada, ensablagem e pintura na cidade e na diocese do Porto*, II, Porto, 1985, p. 155.

⁷⁶ Idem, ibidem, pp. 256-260.

3.4. *Os artistas das obras de 1683 a 1703*

Ao longo dos pontos relacionados com as obras efectuadas entre 1683 e 1703, fomos dando notícia dos diversos artistas que durante esse período estiveram associados à construção da Casa e Igreja da Congregação do Oratório do Porto. Conhecidos os seus nomes e o papel que desempenharam na sua edificação queremos debruçar-nos sobre os responsáveis das duas traças executadas para as obras referidas, a última das quais deu origem à igreja mais importante levantada na cidade entre os finais do século XVII e os primeiros anos da centúria seguinte. Foram eles *Domingos Nunes* e o *padre Pantaleão da Rocha de Magalhães*.

Domingos Nunes, autor da planta das obras iniciadas em 1683⁷⁷, desenvolveu um actividade polifacetada, ainda não totalmente conhecida, e que compreendeu desde obras de carpintaria, de talha e de escultura até ao desenho de projectos de arquitectura como aconteceu com aquilo que fez para os congregados.

O *padre Pantaleão da Rocha de Magalhães*, mestre-de-capela da Sé do Porto, foi, provavelmente, como diversas vezes tivemos ocasião de referir, o arquitecto mais importante da segunda metade do século XVII, ainda que a obra da sua autoria, mais antiga que se conhece seja de 1671 — o risco que fez para a galilé e o coro da Capela de Santo António do Penedo. A esse trabalho seguiram-se projectos para: a nova igreja do Convento de Corpus Christi (1675) em Vila Nova de Gaia; a fachada da Igreja de São Nicolau (1675); a nova Fonte da Arcada (1677-1680); e a primeira Capela da Ordem Terceira de São Domingos (1683). Revelada agora outra obra do *padre Pantaleão da Rocha de Magalhães*⁷⁸, a Igreja de Santo António dos Congregados (1694), pensamos que a continuação da investigação sobre esta figura portuense nos vai permitir alargar o conhecimento que temos da sua actividade.

⁷⁷ «Titulo das novas obras que o reverendo padre doutor Manoel Rodrigues preposito desta Congregação manda fazer em o convento a que se dá principio com hum corredor de dous sobrados portaria, e oratorio, e o maes que consta da planta feita por *Domingos Nunes*, e os apontamentos o que tudo se faz ao lado da igreja da parte do Nascente, correndo com a parede della para o Norte». A.N.T.T., Congregação do Oratório do Porto, n.º 3, fl. 30.

⁷⁸ «De hum mimo que se mandou a quem fes a planta da obra como consta do seu rol 1440». A.N.T.T., idem, n.º 4, fl. 10.

4. Conclusão

A Casa e a Igreja da Congregação do Oratório do Porto constituem na arquitectura portuense um marco da maior importância. Em primeiro lugar, foi o conjunto arquitectónico mais notável que se edificou na cidade entre os finais do século XVII e os primeiros anos do século XVIII. Em segundo lugar, a Igreja de Santo António dos Congregados, ainda que formalmente presa à tradição maneirista, tendência que se manterá no primeiro quartel do século XVIII no Porto, aponta já, em certos pormenores decorativos — visíveis no remate do arco cruzeiro e na fachada — um gosto que nos permite inseri-la na corrente protobarroca que se manifesta, ainda que de uma forma tímida, na arquitectura portuguesa da segunda metade do século XVII.

Com este trabalho procurámos atingir também duas finalidades: estabelecer com rigor a cronologia das primeiras obras — desde a opção pelo local até à conclusão da igreja — e divulgar as principais figuras que deram origem à sua concretização. Estão estabelecidos assim os pontos de partida para novos estudos que pretendemos fazer sobre a Casa e a Igreja da Congregação do Porto.

ADENDA

A Casa e a Igreja da Congregação do Oratório do Porto segundo as Memórias escritas pelo padre Bento José*

Capela de Santo António da Porta de Carros

«E já que os padres tomarão posse da Cappela de Santo Antonio rezão he, que a descrevamos, e demos rezão do principio da sua fundação. No meio da cortina do muro, que cerca a cidade do Porto, e corre da Porta de Sima de Villa, que fica para o Nascente athe a Porta do Olival, que está para o Poente esta hum Postigo, que alteandosse e alargandosse mais, que os mais Postigos, que em outras partes tem os muros para assim dar melhor serventia a cidade principalmente aos innumeraveis carros, que da Comarca da Maia, Penha Fiel (sic), e mais contornos da cidade por elle entrão; se levantou este Postigo com nome de Porta, e tomou dos Carros o appellido, chamandosse Porta de Carros; olha esta para o Norte e sahe a esta planicie bastantemente dilatada, que formão as fraldas de dous montes, hum que esta ao Nascente, outro ao Poente; os quais subindo muito encostados, deixão no meio este spaçozo valle tam ameno, dezafojado, e fertil, que pella abundancia de hortalice, que produzia, quando nos fundamos, se chamava o campo das Hortas; e hoje por estar toda povoada de nobres edificios deixando o nome de Campo conserva das Hortas o appellido.

No meio deste Campo bem defronte da Porta de Carros, distancia como de hum tiro de pedra, determinarão Gaspar de Abreu de Freitas dezembargador dos agravos desta Relação como juiz que era da Confraria de Santo Antonio, elle e os mais

* «Memorias da Congregaçam do Oratorio da cidade do Porto compendiadas pello trabalho e deligencia do padre Bento Joze da mesma Congregaçam a que deu principio em 29 de Abril de 1741». Biblioteca Pública Municipal do Porto, ms. 1337.

Sobre o padre Bento José ver: SANTOS, Eugénio dos — *Bento José. Memorialista da Congregação do Oratório do Porto*, Porto, 1972 (Sep. «Revista da Faculdade de Letras» da Universidade do Porto, II, 1971).

mordomos da mesma confraria edificar hum templo em honra de Santo Antonio; porque não tinha este Santo sendo nosso portuguez igreja alguma na cidade dedicada ao seu nome: pois ainda que a capella, em que a dita confraria athe ali estava assentada, se chamava de Santo Antonio, nome que ainda hoje conserva invocandosse Santo Antonio do Penedo, por estar fundada sobre viva rocha junto ao muro da cidade da parte de dentro; na realidade esta capella não foi fundada para Santo Antonio portuguez, mas para Santo Antonio o Magno, que vulgarmente chamamos Santo Antão, e era capella do morgado de Miguel Brandão da Silva da mesma cidade pello que querião que o nosso Santo Antonio tivesse caza propria para onde se mudasse a sua confraria, e para este fim comprarão, e adquirirão em provizão de Sua Magestade o dito campo; e aos 22 do mez de Dezembro do anno 1657 fizerão doação delle ao Senado da Camara, para que fosse padroeiro da igreja fazendo elle a capella mor, obrigandosse à confraria a fazer o corpo; o que o Senado aceitou, como consta da escriptura feita pelos tabellião Antonio da Silva Malafaia.

Principiou se a obra em rezão da capella com bastante grandeza e fortaleza, com paredes mui groças, as que erão necessarias para sustentar a abobada de pedra coarteadas, ou dividida em quadros com molduras, e frizos da mesma pedra, de que he o tecto: tem de altura 55 palmos, e de largura 35: do comprimento não posso dizer; porque se desfez grande parte, quando se edificou a nova igreja, que hoje temos; e o que se conserva da antiga, he o que hoje he capella mor, e tem de comprimento 53 palmos. Tinha a igreja antiga tres altares no colateral da parte do Evangelho estava nosso Patriarcha Sam Philippe Neri: no correspondente da parte da Epistola se venerava a Virgem e Martir Santa Catherina, a qual ainda hoje no seu dia cantamos missa e a noite depois da cea vai a comunidade cantar lhe huma comemoração ao altar onde esta, que he da Senhora da Nazareth o primeiro da nave do Evangelho. No altar mor estava a prodigioza imagem de Santo Antonio, lugar que inda hoje conserva tendo nelle como orago o lado direito: della darei agora noticia, conforme o que nos seus apontamentos diz o padre Manoel Viegas, que era seu enamorado devoto.

He a imagem de statura de homem perfeita com a acção costumada de ter a cruz, livro, e sobre o livro o Menino Jesus; e está mui bem feita principalmente no talho, e medida do rosto, o qual antiguamente inda era mais fermoço como diz o padre Viegas pello vivo e engraçado dos olhos: tanto assim que huma das couzas notaveis, que se hia mostrar as pessoas de fora, que por curiosidade vinhão ver a igreja; era o rosto de Santo Antonio; que com os seus olhos feria e roubava os corações; perdeu grande parte desta formozura; porque mandando os Irmãos de Santo Antonio stucar lhe de novo o corpo, o pintor teve o cuidado de lhe retocar, ou para melhor dizer de lhe deslustrar o rosto; de sorte que ficou feio com bem penna, e sentimento do padre Viegas, que não podendo suffer tal desconcerto mandou chamar outro pintor, para emendar o erro do antecedente; e supposto em parte diminuido contudo não ficou tam fermoço o Santo como estava no principio, nem se mostra hoje já como couza notavel». (fls. 9-10).

As primeiras obras

Capítulo 13.º

«Principiarão os padres com muita firmeza as obras que do novo convento, dificuldades que tiverão e descripção da obra nova.

[...] e em 8 de Dezembro dia da Immaculada Conceição da Virgem Maria Senhora Nossa do anno de 1683 se lansou a primeira pedra ajudando toda a comunidade

a tirar a terra do alicerce. Nem faça duvida o trabalhar se neste dia; porque ainda nesse tempo não era de guarda como depois o foi posto por Clemente XI¹ por hua constituição passada a 6 de Dezembro de 1788 (sic)² no oitavo anno do seo Pontificado. [...].

Lansada a primeira pedra correo a obra com tal preça, que dentro de um anno se acabou hum corredor de dous sobrados, que principiando do Sul para o Norte acabava junto ao cunhal da capella mor; ficando no pavimento a portaria, oratorio dos exercicios; no primeiro sobrado hua grande e formozza caza para a livraria, e outra mais pequena, para sala de vizitas; no segundo sobrado se fizeram bastantes cobiculos e alguns deles de bastante grandeza: o noviciado se trassou nas agoas ou entreforros do tilhado, fazendo entre os espigoens, tizouras, ou prolongos que o sustentavão varios repartimentos para commodo bem dezacomodado dos noviços e irmaos estudantes; ahonde, ainda que não quizessem, havião apprender a modestia; porque a vezinhança das telhas lhe não permitia levantarem muito a cabeça, e para não tropessarem no sobrado, lhes era preciso andarem sempre com os olhos no cham.

O oratorio que então se faz, supposto que grande e capax, contudo já hoje delle se não uza; porque se fez outro novo para o outro lado; mas sempre o velho se deve ter em muita veneração; porque no anno de 1685 a 25 de Julho o Illustrissimo Senhor D. João de Sousa Bispo do Porto³ sagrou o altar delle, cuja meza he hua pedra enteirissa, e em qualquer parte della se pode consagrar; no meio desta pedra se abriu o tumulo para nelle se meter o involtorio das reliquias: estas são do Nosso Santo Patriarcha, de S. Pio 5, de S. Angelo, de S. Viturino, e Santa Modesta, as quais incluzas todas com a sua authentica em hua caixinha de bronze se inserrarão no tumulo que se cobrio com outra pedra sagrada por dentro e por fora; e depois da sagração, disse o Senhor Bispo missa no altar, ao qual concedeo 40 dias de indulgencias perpetuas para quem em dia de S. Thiago, santo a que foi dedicado, por ser sagrado no seo dia, o vizitasse. No sabado seguinte, que se contarão 28 do mez por commissão do Senhor Bispo benzeo o padre João Lobo o mesmo oratorio por dentro e por fora na forma do Seremonial Romano; é disse nelle missa cantada com a nossa capucha, sendo esta a primeira missa que depois do Senhor Bispo nelle se disse.

Pasado pouco tempo se continuou o corredor para diante da igreja formando atras della hum lanso de claustro, e no segundo sobrado deste corredor se formou o noviciado; portanto o primeiro, alem de ser, como ja disse tam incommodo, era prejudicial a saude dos irmaons; alcançando nelle achaques graves dous irmaos dos quaes se tinha maiores esperansas para as letras. Neste segundo, ou ja terceiro, noviciado se fizeram as officinas necessarias para elles, e entre ellas a caza de quietes, que juntamente he capella para para os exercicios particulares dos novissos; no andar della se venera hua devota imagem da Senhora da Conceição que de El Rei D. Pedro deo ao nosso fundador, a qual fora trazida de Tangeri, ahonde dizem que se vira pelejar contra os mouros; esta imagem algum dia era de vestir; porem hoje esta se estopho, e por isso fazendo se lhe o corpo de novo, só as maos e a cabeça são da imagem antiga; esta metida em hum nicho grande, que no meio forma o retabolo da capella, o qual entre as colunas tem mais coatro nixos piquenos, em que estão collocados S. Joze, Santa Anna, Santo Antonio, e o nosso Santo Patriarcha; aos pez da Senhora esta hua imagem do Menino Jezus mui bem feito e vestido de noviço da Congregaçam; o corpo da capella, que está rodeada de assentos tem as paredes guarnecidas de azulejo, e por sima delle estão cobertas de quadros de boa

¹ Papa de 1700 a 1721.

² Deve ler-se 1708.

³ Bispo de 1686 a 1696.

pintura, que representão alguns passos da vida de Nosso Santo Patriarca; o tecto he de madeira pintado conforme o uzo daquelle tempo; tem duas janellas para o Nascente e a sancrestia tem huma para o Norte.

O primeiro que nesta cappella dise missa foi o Illustrissimo Senhor D. João de Souza, na qual deo a comunhão aos irmãos, e benzendo hum cobiculo que fica fronteiro a cappella, deo licença ao nosso fundador para benzer todos os mais. Esta cappella esta hoje muito adiantada no ornato pela devoção dos irmaos, que ha annos a esta parte tem estado no noviciado; porque con suas esmolos tem comprado tudo o que he necessario para o asseio e compostura do altar; que he primorozo; e alem disso vendo que a Senhora estava as escuras sem hum lume derão ordem a que se fizesse hua alampada de prata, como se fez a romana, e de muito custo; porque o sobrado esta com tal primor que excede a materia. Depois deste corredor do noviciado se fez outro sobre outro lanso do claustro que corre de Nascente a Poente; e aqui pararão por muito tempo as obras do convento; e não se continuarão se não depois de se principiar e acabar a nova igreja que hoje temos cuja descripção, assim como de todo o convento, daremos em outro capitulo: [...]» (fls. 28v.-30v.).

A igreja da Congregação do Oratório

«Visto termos dado narração da fundação, confirmação, protecção e dotação desta Caza e Congregaçm do Porto, e havemos de dalla tambem ao diante do que ella tem florecido, assim no que toca ao commum, como no que pertence ao particular, rezão he que fassamos huma descripção desta Caza da sorte que hoje esta; a qual supposto por ser feita aos pedaços, seos defeitos tem na architectura, com tudo não deixa de ser hum dos melhores [se ja não he o melhor] convento do Porto, e respectivo as mais congregaçoes do reino quer me parecer, que nenhuma esta tambem assentada, e com maior largueza. Athe o anno de 1694, se servirão os padres da igreja velha, que hera da sorte que ja descrevi; neste anno porem aos 12 de Julho se principiarão a abrir os alicerces para a igreja nova, a qual como não havia ter, por cappella mor parte da igreja antiga, se principiou em pouca distancia dos muros da cidade bem defronte da Porta de Carros, e se lansou a primeira pedra dia da Senhora das Neves a 5 de Agosto do mesmo anno: fez esta função o reverendo doutor provizor Manoel da Silva Francos, que depois foi bispo de Anel do Illustrissimo Senhor D. João de Souza quando foi promovido para arcebispo de Lisboa, que por estar então nesta cidade não lansou a primeira pedra da nossa igreja [...].

Lansada a primeira pedra, continuou a obra com tal calor, que dentro em nove annos se acabou, não faltando mais dinheiro para ella [...]. Em quanto se esteve fazendo a igreja nova servio de igreja o oratorio que hoje chamamos velho: acabada porem a nova igreja do anno de 1703; se solemnizou a sua dedicacão a 11 de Junho do dito anno com tres dias de festa, estando em todos elles o Senhor exposto: [...].

A igreja ficou muito fermoza grande e clara: he de huma só nave, e de abobeda de tijollo; tem de altura tomada desde o ponto mais alto da volta da abobeda athe o pavimento noventa e quatro palmos; tem de largura 59; de comprimento, lançando huma linha do fundo da capella mor athe a porta cento, e setenta e oito palmos, divididos deste modo; a capella mor 53, da largura do cruzeiro trinta palmos, e meio; a capella mor, como já disse em outra parte, he de abobeda de pedra, tem de altura sincoenta e sinco palmos, e de largura trinta e sinco; o cruzeiro tem de comprimento 85 palmos, tem duas grandes portas nas cabeceiras, as quaes, assim como as portadas estão muito bem lavradas, sae huma para o oratorio velho, e outra para o novo, e para a sanchristia: tem

a igreja toda no corpo do cruzeiro, e capella mor dezoito frestas, entre maiores e menores; tres de notavel grandeza no frontispicio, que ficão ao meio dia; seis tambem grandes no corpo da igreja, tres de cada lado, humas ao nascente outras ao poente; seis no cruzeiro, que ficão nas cabeceiras delle, duas na capella mor, e huma sobre o arco della, que fica ao Norte. Verdade, que nem por todas as frestas recebe a igreja luz; porque algumas dellas por ficarem no mesmo andar dos corredores, que guarnecem, e cingem, os lados servem de tribunas; mas as que ficão dezempedidas communicão toda a lux, que lhe he necessaria para a fazer mui clara: tem tres grandes portas todas na frontaria: tem dois formosos pulpitos fronteiro hum, do outro junto das esquinas que voltão do cruzeiro para o corpo da igreja».

Altars — tem sete altars

Altar-mor: «o altar mor tem uma tribuna mui dezafoxada com trono de talha dourada a moderna e da mesma talha he todo o vão da tribuna e o retabolo, que he formoso, e de grande fachada; na boca da tribuna esta huma fermoza imagem da Asumpção sobre huma vistosa nuvem povoada de inumeraveis anjos: abaxo da boca da tribuna esta o sacrario, que assenta sobre a banquetta, e tambem he de talha dourada, mas de obra mais meuda, e primorosa: ao lado do sacrario, mas separados da banquetta estão Santo Antonio e o nosso Santo Patriarcha, este ao lado esquerdo, aquelle ao direito; estatuas ambas grandes, e formosas, e de igual tamanho: as paredes da capella mor são cubertas da mesma talha dourada, que as cobre todas, deixando só couza de oito palmos de altura de parede em roda cujo espaço desde o pavimento emte a talha esta guarnecido de asolejo fino; Na talha estão encaixilhados seis grandes paineis de finas e primorosas pinturas, três de cada lado, o mais chegado ao altar da parte do Evangelho he da Coroação da Senhora o do meio do nosso Santo Patriarcha dizendo missa, o chegado ao arco he de S. Francisco de Sales na sagração: os do lado da Epistola, o maes chegado ao altar he do transito da Senhora o do meio de Santo Antonio no passo, em que orando lhe apareceo a Senhora para o certificar, que em corpo e alma estava gloriosa no ceo; e o chegado ao arco de Santo Thomas de Villa Nova, santo que deo o nome ao Eminentissimo Senhor D. Thomas de Almada (Almeida e não Almada como está no manuscrito) Bispo, que foi do Porto⁴, e hoje Cardeal Patriarcha; o qual mandou a sua custa fazer toda esta obra».

Altars colaterais

Altar colateral do lado do Evangelho: «se venera huma grande e devota Imagem de Christo Crucificado, e neste altar entre as collumnas do retabollo de huma parte esta S. Pedro [...] e da outra S. Patricio».

Altar colateral do lado da Epistola: «se venera a Jesus Maria Joseph da fugida para o Egipto, neste altar ha tres grandes reliquias, e entre ellas se distingue pella sua grandeza a de S. Angelo, por ser huma da canella, ou cana de braço inteira; entre a banquetta, e a tribuna aonde estão os Santissimos Peregrinos ha hum grande vão, que ordinariamente esta cuberto a talha do mesmo retabolo, mas levadissa, porque se tira

⁴ Bispo de 1709 a 1717.

no tempo do Natal, para se ver hum engraçado presepe, pella variedade miudeza e perfeição das figuras. Neste mesmo altar entre as columnas do retabolo se venera a S. Miguel, e ao Anjo Custodio».

Altaires laterais

Lado da Espístola: «Indo por este mesmo lado para o corpo da igreja o primeiro altar chegado ao pulpito he o de Santa Anna, que se tem feito famoso no Porto, não só pella devota imagem desta Santa Matrona Avóo de Christo, que esta mejestosa e veneranda; mas pella grande riqueza da sua armação, que em prata, e ornamentos bordados de singulares, exquisitos, e primorosos matizes, emporta em muitos mil cruzados [...]; Defronte deste altar (altar de São João Baptista, do lado do Evangelho) do lado da Epistola, esta o de S. Francisco de Sales, [...] aqui estão collocados tambem S. Gonçallo, S. Caetano e Santa Ritta».

Lado do Evangelho: «Defronte deste altar (altar de Santa Ana, do lado da Epístola) da parte do Evangelho, está outro que compete com o de Santa Anna, não na riqueza, mas no aceio, ornato, e compostura; he dedicado a Senhora de Nazareth; cuja imagem em tudo semelhante a da pederneira, he perfeitissima, e de muita devoção; esta encerrada em humna como charolla, ou oratorio, que forma sobre a banquetta o retabulo do altar, vendo se a imagem por uha christalina vidraça, que lhe serve de porta [...] sobre este oratorio no meio do retabulo, tapa a boca de huma tribuna, em que algum dia se expunha o Senhor, hum grande painel, no qual se admira o primor, majestade e fermozura, com que está pintada a imagem da Senhora da Conceição por stilo moderno, que vem a ser, ter a Senhora no braço esquerdo ao Menino Jezus, que nuzinho vibra huma lança ensupando a sua choupa na boca do fero dragão, que enroscado no globo do mundo, que serve de pianha à Senhora, faz menção de querer perseguir a Mai, e tragar o filho. Neste mesmo altar estão collocadas Santa Catharina, Santa Barbara, S. Sebastião, e Santa Thereza de Jesus [...] Abaixo deste altar no mesmo lado do Evangelho está o altar de S. João Baptista, cuja imagem he mui perfeita [...] neste mesmo altar se venerão Santa Maria Magdalena, e S. Francisco Xavier; e há hum anno a esta parte se collocarão nelle com grande festa de soldados as imagens dos Gloriosos Martires, e em tudo verdadeiros imitadores de Christo passiente Santo Elfado, e Santo Acassio, hum general, outro capitão dos dez mil martires».

«Todos estes altares estão embibidos na grossura da parede da igreja; mas de tal sorte, que quem estiver no coro, pode em todos elles ouvir missa, e estando no meio sem se mover do mesmo lugar: [...] mas os arcos todos, não só pela parte interior, mas ainda pela exterior estão guarnecidos, os do corpo da igreja com talha dourada, que depois de cobrir os arcos, forma sobre elles vistozos remates, os collaterais com varias pinturas, e dourado a mordente na mesma pedra, por não permitir o lugar outra couza, e só sobre os arcos delles sustentão em cada hum dois anjos huma grande tarja com suas inscrições».

Confessionários: «Os confessionarios, que são quatorze, sette de cada vanda (sic), estão postos em duas teias de madeira, que se estendem desde as grades do cruzeiro athe duas grossas columnas, que sustentão o coro; e estas teias he que dividem a igreja em tres navens».

Coro: «O coro tem o cumprimento; quanto a igreja tem de largura; e tem de largo vinte e coatro palmos: esta todo a roda sem divisão guarnecido de bancos, e archibancos com seus espaldares altos de castanho: tem intrada por hum, e outro lado por duas grandes portas; e de hum lado, e de outro tem entecoro: sobre as grades do coro, que são grossas e pintadas a similhaça de jaspe, está huma devota imagem de Christo Crucificado debaixo de hum docel; ao lado direito do coro está hum órgão de boas vozes pintado de charão, obra que fez o padre Luís do Reis sendo perfeito do coro».

Situação da igreja: «Está a igreja entre corredores, que formão o convento; ainda que não no meio delles; porque esta mais arumada para a parte do Nascente, e o corredor que lhe guarnesse o lado desta parte por principiar esquilhado no mesmo cunhal da igreja, não faz fachada com seu frontispicio; não asim o da parte do Poente, que com quatro janellas rasgadas, que tem no topo, duas em baixo duas em sima, faz frontaria com a mesma igreja».

Torre sineira: «subindo por sima destas janellas huma formozza torre ocupada de coatro sinos, e entre elles, o que está para o frontispicio da igreja de notavel grandeza, e de sonora e incorporada vós: he sagrado, e tem varias sculturas sobre douradas».

Claustro: «continuação se pelo lado da igreja os dois corredores estendendo se muito além della; de sorte que com hum, que os atravessa pelo meio, e outro, que no fim os abraça, formão atraz da igreja o claustro, que he de bastante grandeza, perfeitamente quadrado, e tem por cada quadra 94 palmos; os pilastres são mui grossos, e demandavão maior altura nos arcos, que não podem ter, porque sobre elles enrroda (sic) se fundão dois andares de corredores: aqui no claustro estão duas grandes aulas, huma para a Filosofia, outra para a Theologia, ambas para o lado esquerdo, e para o direito tem huma larga esquadra (sic) de pedra, que com os primeiros dois lansos vai ao primeiro andar dos corredores, e com outro dois chega ao noviciado, e aos mais corredores de sima».

A Casa da Congregação do Oratório

Portaria: «Debaixo das janellas, que ja disse fazem frontaria com a igreja, está a portaria do convento, que na primeira entrada esta defendido de huma grade de balaustes de ferro, e sobre ella se vê hum remate de varias folhagens do mesmo ferro, que servem de guarnição a hum escudo de bronze, em que estão as armas da Congregaçam: a portaria, asim como as tres portas da igreja, que todas ficão na mesma correnteza, sahem para hum patio, ou adro mui dillatado, e spaçozo, lageado todo de pedra; tem de comprido 150 palmos, e de largura 67; sobe-se para elle por tres ordens de escadas, as do meio de notavel largueza, e as dos lados mais estreitas, e todas ellas asim como o patio, ou adro, guarnecidas de grades de ferro sustentadas em grossos pilares de pedra, que rematão em grandes bollas. Obra foi esta do Eminentissimo Senhor D. Thomas de Almeida, e por iso tem nella em dois escudos de pedra pintadas as seis roellas, que são o timbre das suas armas.

Casa da Portaria: «Entrando pelas grades de ferro da portaria, está huma anteportaria pequena, e depois della a porta, que dá entrada para a Casa da Portaria, a qual tambem não he mui grandes (sic)».

Escadaria: «e logo a mão esquierda (sic)» da porta que dá acesso à Casa da Portaria «estão as escadas, que sobem para os corredores: obra esta a mais magnifica, e a de melhor architectura de todo o Convento, porque são mui largas, descaçadas, e alegres, o primeiro lança he de duas ordens; o segundo de huma, e este dá em hum grande tabuleiro, que cercado de assentos serve para tomar as vizitas de menos comprimento; neste tabuleiro estão duas portas huma defronte da outra, a do lado direito da entrada ao antecoro novo chamado assim para distinção de outro, que da outra parte da igreja se fez primeiro, e deste se vai para a caza das vizitas, que he mui clara, grande e airoza com tres janellas rasgadas, huma para o patio, e duas para a prassa; a do esquerdo vai para o corredor: deste mesmo tabuleiro continua a escada com mais dois lansos, que dobrão sobre os outros dois, principiando deste tabuleiro tambem com duas ordens, e acabando em huma, que vai dar a outro tabuleiro, que do mesmo modo, que o de baixo, tem duas portas: a do lado esquerdo vai para o corredor, e a do direito para huma caza grande, que serve de hospedajem para alguma pessoa de respeito: a singularidade desta escada he estar toda sendo tão grande, fundada sobre pilares, de sorte, que quem esta na ultima soleira, pode ver [o] que está no primeiro lanso».

Corredores: «A mesma Caza da Portaria na parede fronteira a entrada tem huma grande portada, pela qual se entra para hum corredor está ao lado direito a porta do cruzeiro da igreja, e defronte della ao lado esquerdo do dito corredor esta outro corredor, que tem no topo hua grande janella, e no meio duas portas, huma de frente da outra».

Oratório dos exercícos: «a do lado direito he do oratorio dos exercicios chamado agora novo para distinção de outro velho: he este mui grande, e tem de comprido 67 palmos, e de largo 42; tem oito janellas grandes: coatro que cahem para a prassa, e coatro para o corredor que vai da portaria para o claustro; as paredes estão ornadas com paineis de excellente pintura, e são doze dos doze Apostolos com suas molduras de charão, folhagens, e cantuneiras de talha dourada: estes paineis e dois mais que estão na sachristia, hum do Redemptor do Mundo, outro de Nossa Senhora nos deu o Eminentissimo Senhor D. Thomas de Almeida: o altar do oratorio fica defronte da porta, tem seu retabulo, e no lugar principal d'elle huma imagem de Christo crucificado, e ao pé da crus a Senhora da Soledade imagem mui perfeita, aos lados do altar em tres columnas do retabulo estão duas imagens de Christo no dos açoutes, e no do Ecce Homo: no mesmo altar por devoção do irmão João Jacome está S. Miguel, e Santa Anna imagens mui pequenas, mas mui bonitas: na mesma parede do altar aos lados dele estão duas portas, que ambas vão dar a caza so despacho dos irmaos congregantes, em cujo altar se venera hua grande e devota imagem do Senhor dos Passos».

Sacristia: «A porta, que de frente da do Oratorio fica ao lado esquerdo do corredor, he a da sachristia, que he bastante caza com duas janellas grandes para a prassa, e aromados a parede fronteira das janellas tem os cachões que são de pao preto mui bem feitos com ferragens de bronze dourado; no meio da parede, onde estão encustados os cachoes tem hum grande nincho formado de coatro columnas de marmore preto com rais brancos; neste nincho está colocada huma formozza imagem de Christo crucificado: o lavatorio da sachristia fica fora della, mas conjuncto em huma caza pequena, porem clara, porque tem duas janellas».

Pátio: «Pella parte do claustro, que fica para o Norte, se sahe a hum pateo de sufficiente grandeza, cujas paredes estão guarnecidas de embrexado, e a espasos

competentes tem sinco nichos grandes, que se fizeram para nelles se porem as figuras dos sinco sentidos, mas por temor de que se quebrassem, guardão-se as figuras, e os nichos estão desocupados: em hua das cabeceiras deste pateo sobre pequeno tanque corre hum fonte de christalina agoa, esta se chama a fonte de Moises; porque brota de hum penha artificialmente formada de pedras de talco, sobre a qual está hua figura deste historiador profectido na acção de ferir a pedra com a vara; atravessando pelo meio deste pateo se entra por hum arco, que ao lado direito tem hum escada de pedra, que vai para a cerca; e fronteira ao arco está hum abobeda subterrânea, mas não funebre com assentos à roda, no fundo da qual se vê dentro de hum nicho hum grande imagem da Senhora da Conceição, e dos pés desta pela boca da serpente que cerca o mundo, que a Senhora piza, com agradável sussurro corre huma copioza fonte fresca, e salutifera agoa chamada da Mina; porque por mina subterranea a tirou da mesma cerca o padre Francisco Lopes, que à sua custa fez esta obra».

Cerca: «Subindo pelas escadas, que disse ficção ao lado esquerdo entrando pelo arco, se vai ter a cerca, que não sendo muito grande, he mui fertil, e agradável pela muita ortalise, que produz, e muitas arbores fructiferas, de que está povoada, principalmente laranjeiras, e limoeiros: reparte-se em coatro grandes tabuleiros divididos huns dos outros por ruas, que de huma, e outra parte formão assentos, e alegretes a compasso entre taxados, e nos topos das ruas em diversas partes se vem nichos de embrexados com estatuas de Santos Erimitas, e na cabeceira da rua do meio está o passo de Tobias de baixo de hum alpendre quadrado, sustentado por columnas, que o defende da chuva, mas nem por isso tem escapado às ruinas do tempo, estando quasi destruido o embrexado, que ainda nas reliquias, que existem, mostra que foi bom, e doecusto: estão pois debaixo do alpendre tres nichos, em hum delles se vê o Anjo S. Raphael em acção de quem manda, em outro o menino Tubias com demonstrações de quem admirado teme; e no meio se descobre o peixe, que não dizendo o texto, de que specie fosse, o artifice, que o fes, entende ser balea, e assim o formou corpulento, cauda levantada, e lançando agoa não só pela boca, mas esguichando a pelas ventas; cahe esta agoa em hum tanque quadrado mui bem feito, guarnecido tambem de embrexado».

«Esta hé a descrição do Convento da Congregaçam do Porto, que suposto não seja grandiozo; porque lhe faltão obras de singular architectura, e finas pedrarias, que em outros conventos e edificios se admirão; com tudo he grande pelo que tem de espaçozo; pois tem todas as oficinas, e alguas dellas dobradas, podem nelle viver com largueza 60 sugeitos, numero a que thé agora não tem chegado; porque quando se contarão mais, forão 55, e hoje são 49; hé muito alegre; porque por toda a parte tem vista dezembarassada, e senão forão as estalagens do Neto, estaria totalmente sobre si, como hum ilha, separado de toda a vizinhança; para o nascente tem a vista de hum monte que subindo lentamente; se dillata, e estende, recreiando a vista pelo muito arboredo que o povoa; para o poente tem a vista da celebre Fonte da Arca obra deste genero conforme ouço dizer o melhor do Reino, que faz mais aprazível, e deleitoza, pela lameda de corpolentos, impinados, e frondozos alamos, que principiando juncto ao adro da nossa igreja, e continuando em fileira para poente, lhe fazem guarda, defendendo a dos raios do Sol; para o norte tem a vista da nossa cerca que fica atras de todo o convento» (fls 33-39).

Capítulo 23.º

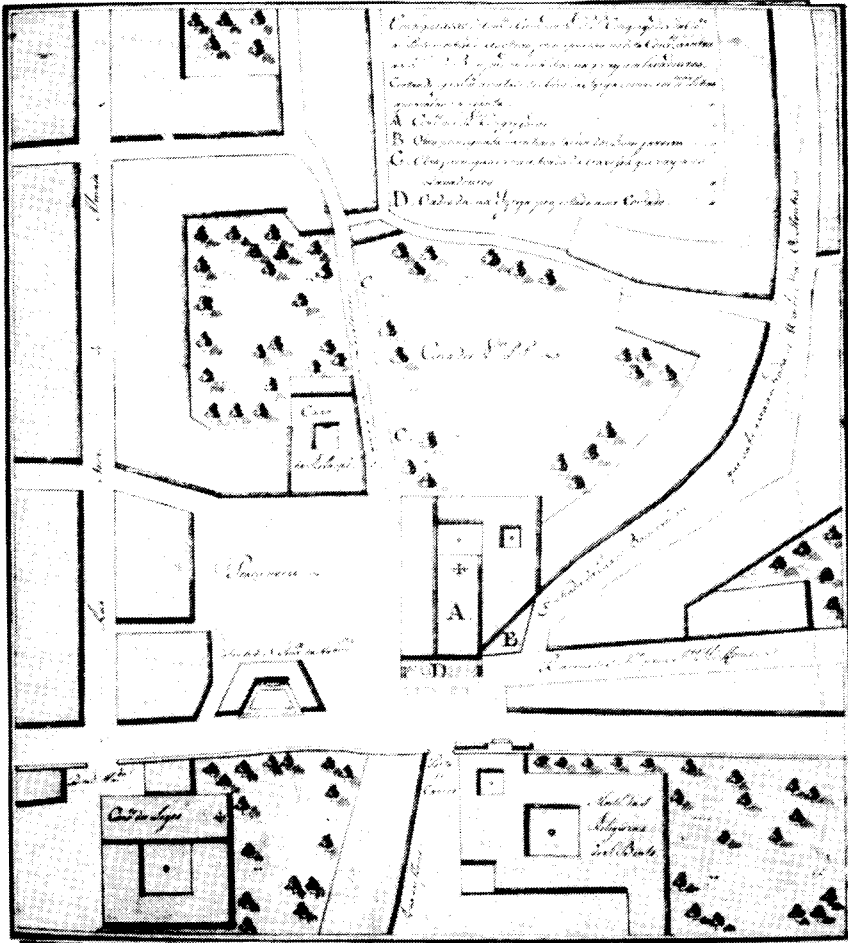
«Das reliquias de Santos, que tem esta Caza»

Ainda que esta Congregaçam do Porto não esteja tão enriquecida de reliquias de Santos; como o estão outras comunidades religiosas, que possuem copiozos sanctuarios, contudo não está totalmente desprovida, e assim quero dar neste cappitulo rellação das que actualmente temos. Do Santo Lenho temos duas, ainda que não grandes, reliquias; huma incluza em crus de christal, se guarda no cartorio, outra incluza em crus de prata se venera no altar de Jezus, Maria, Joze. Do nosso Santo Patriarcha temos tres reliquias, das quais a principal hé hum dente, que incluzo em hum grande relicario de prata se expoem à veneraçam dos fieis, e dá a beijar na vespora, dia do Santo. Temos mais outra grande reliquia, de que nos fez merce o Deão desta Sée do Porto.

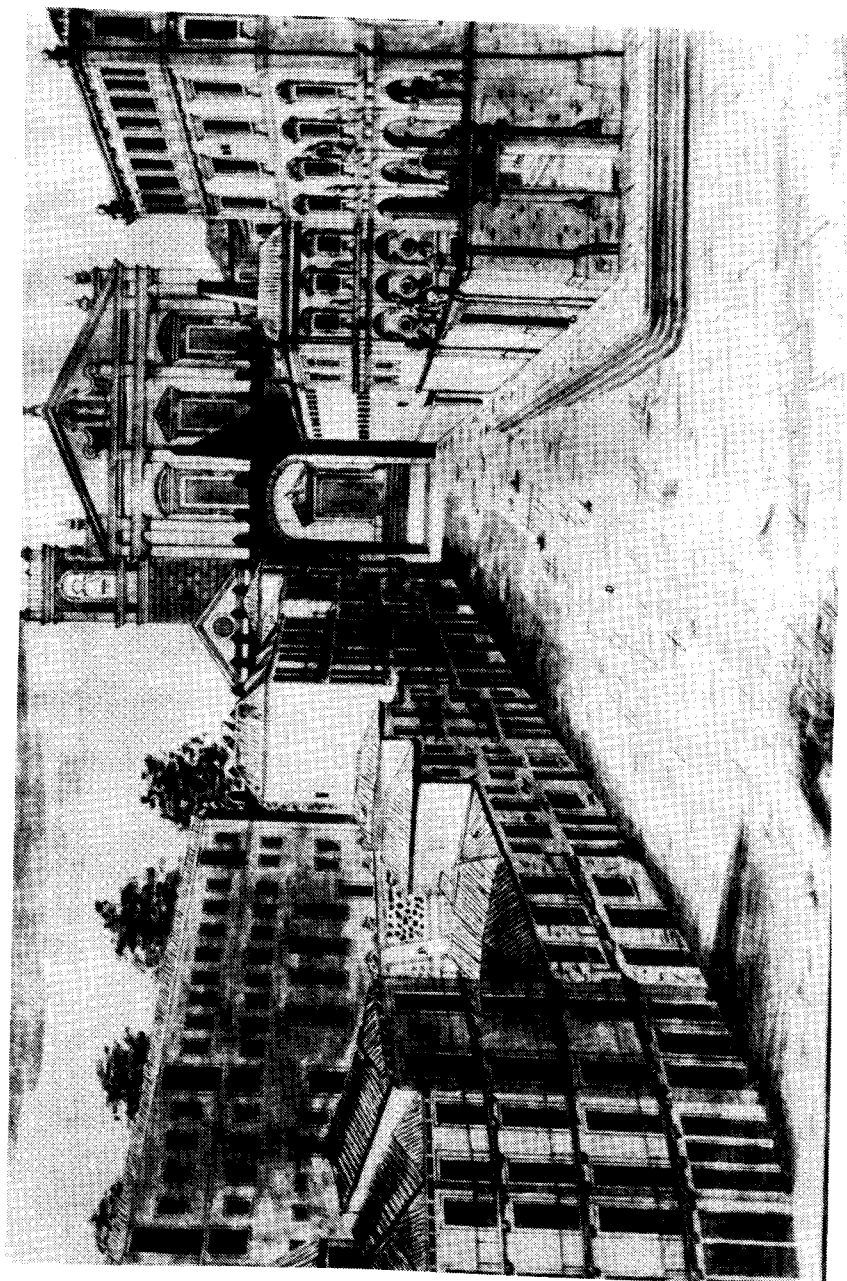
No altar de Jezus, Maria, Jozé se venera hum oso inteiro da perna asima do Joelho de Santo Angelo Martir, que fica no meio do retabulo do altar dentro de huma vidraça christallina ao lado deste de huma parte estão tambem incluzos dentro de vidraça dois grandes ossos, hum de Santa Coloba Martir, e outro de S. Pedro Martir, e da outra parte estão dois grandes ossos do mesmo modo incluzos, os quais não tem letreiro. Na Novena, e dia de Santo Antonio se dá a beijar ao povo huma reliquia deste Santo incluza em hum relicario de prata triangular, ou de tres faces; porque alem da reliquia de Santa Anna, contem em si reliquia de S. Jozé, e de S. Joaquim. Tambem em dia de S. João Baptista se veneram, e dá a beijar a reliquia deste Santo incluza em huma custodia, formada com bom artificio de vidros christallinos.

No altar de Santa Anna se venerão doze grandes reliquias em tarjas de talha dourada com vidros christallinos por diante, as quais tres a tres, a espaços competentes estão pendentes em tres columnas do retabulo por listões vermelhos, formados na mesma talha. Os Santos, cujas são as reliquias, são os seguintes: S. Victoria Martir; Santo Marcelliano Martir; Santa Modesta; S. Hiacinto Martir; Santa Thereza Virgem; Santo Estevão Papa, e Martir; S. Lourenço Martir; S. Marçal Martir; S. Valeriano Martir; S. Victor Martir; S. Aajuto Martir; S. Theodoro Martir. Alem das reliquias tem o mesmo altar dentro de hum sacrario hum relicario grande de auricalco com reliquias de Santa Barbara, Santa Catharina, Santa Luzia, Santa Iгнеz, Santa Agueda, Santa Apelonia, Santa Victoria, e Santa Christina.

Fora destas reliquias temos outras muitas: que com facultade do padre Antonio de Athaide assistente da Curia Romana nos mandou o padre Manoel Conciencia da Congregaçam do Oratorio de Lisboa, a saber: para o altar da Santo Christo hum relicario com reliquia do Santo Lenho; outro relicario grande de auricalco com reliquias de S. Pedro, S. Paulo, Santo Andre, Santo Thiago maior, S. Thiago menor, S. Matheus, Santo Thomé, S. Philippe, S. Mathias, S. Lucas, S. Barnabé, S. Marcos, Santo Thadeu, S. Simão, e S. Bartholomeu. Para o altar de S. Francisco de Sales: hum relicario grande de auricalco com reliquias de S. Bento, S. Pedro Celestino; S. Hieronimo, S. Romualdo, S. Domingos, S. Philippe Benitio, S. Francisco de Paula, S. Agostinho, S. Ignacio de Loiola, Santo Onofre, S. Francisco de Assis, S. Caetano, S. Bernardo, S. Francisco de Sales, e S. Philippe Neri. Para o mesmo altar outro relicario da mesma materia com reliquias de S. Pantalão, S. Parthemo, Coelestino, Alexandre, Eugenio, Leão Celso, e Adriano. No dia de S. Carlos Boromeo, que nesta Congregaçam não tem festa como na de Lisboa, se lhe canta a noite huma comemoraçã, e se dá a beijar hum pequeno relicario de christal» (fls. 73v.-74v.).



Porto. Localização da Igreja e Casa da Congregação do Oratório.
 A — Igreja de Santo António dos Congregados (1694-1703).



Porto. Igreja de Santo António dos Congregados vista através da Porta de Carros. Desenho anónimo (século XVIII)



Porto. Igreja e Casa da Congregação do Oratório do Porto segundo o desenho de Joaquim Cardoso Vitoria Vilanova (1833)